

A Serpente – Desmistificação do preconceito, uma perspectiva ecopedagógica e marxista

Luiz Felipe Xavier da Vitória¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo evidenciar as camadas que constituem os preconceitos impostos sobre as serpentes – de forma errônea e genocida, pondo em jogo a organicidade da cadeia alimentar e o equilíbrio ambiental. Diante de tal situação o artigo propõe uma observação profunda através da análise greimasiana em interação com a ecopedagogia e o processo de educação, com objetivo de construir um cidadão planetário. Este artigo possui um caráter dialógico com a filosofia da linguagem.

Palavras-chave: Ecopedagogia; linguagem; serpentes; análise greimasiana; ambiente escolar; eco abordagens; constituição dos signos.

1. Nossa Mãe Terra é um organismo vivo e em evolução. O que for feito a ela repercutirá em todos os seus filhos. Ela requer de nós uma consciência e uma cidadania planetárias, isto é, o reconhecimento de que somos parte da Terra e de que podemos perecer com a sua destruição ou podemos viver com ela em harmonia, participando do seu devir. (A CARTA DA TERRA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO – 1º Encontro Internacional - São Paulo, 23 a 26 de agosto de 1999.)

Introdução

As serpentes pertencem ao Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Reptilia, Ordem Squamata e Subordem Ophidia (BELUCCI et al., 2008). Podem ser classificadas em dois grupos básicos: as não peçonhentas, que produzem um veneno que aflora em sua cavidade bucal e atua na digestão do alimento, mas não possuem presas inoculadoras para introduzir a peçonha na vítima; e as serpentes peçonhentas, que se caracterizam por apresentar peçonha, proteína altamente complexa que é inserida na corrente sanguínea da vítima através de presas inoculadoras de veneno (POUGH; HEISER; JANIS, 2003).

O mundo dos répteis sempre fascinou e também aterrorizou os homens desde o princípio da formação da espécie humana. Existem relatos e lendas sobre as inter-

¹ Graduado em Letras hab. Português e Inglês pela UEMS/Cassilândia. Trabalho apresentado ao XI SIEL – Simpósio de Estudos em Letras, realizado pela mesma instituição.

relações dos homens com os répteis que datam de séculos. Para exemplificarmos, basta lembrar das histórias contidas na bíblia: a serpente que ofertou o fruto proibido para Adão e Eva, a serpente que matou Cleópatra, a Rainha do Egito. Normalmente nas histórias que são contadas (na cultura ocidental, principalmente na cultura cristã), os répteis são injustamente transformados em seres demonizados e por isto, até hoje, são tidos como animais repugnantes (resultando em uma das causas que levam milhares de serpentes a serem mortas brutalmente pela cultura da ignorância). Por outro lado, na cultura oriental, os mesmos animais são tratados e vistos de uma forma bastante diferente. Na cultura chinesa, por exemplo, a serpente é tida como um símbolo de sabedoria, como emissária da prosperidade e guardiã das riquezas. Nota-se através de relatos dos primeiros Herpetocultores, os encantadores de serpentes, os sacerdotes e os curandeiros que cultivavam estes répteis para fins cerimoniais ou farmacêuticos.

A serpente é um dos símbolos mais importantes da imaginação humana. Nos climas em que este réptil não existe é difícil para o inconsciente encontrar-lhe um substituto tão válido, tão cheio de variadas direções simbólicas. A mitologia universal põe em relevo a tenacidade e a polivalência do simbolismo ofídico. (DURAND, 2002, p. 316)

Salientando a importância da linguagem sabemos que a oralidade é o que torna a língua um fenômeno social vivo e que através dela podemos guerrear contra o preconceito, pois é ao desmistificar o que não conhecemos que podemos compreender e lutar por uma significação social justa em relação aos répteis, criando camadas e um repertório para além da superficialidade, pois enquanto o olhar social for negativo, milhões de serpentes serão mortas, por motivos banais e injustificáveis.

Das orientações do pensamento filosófico-linguístico de Mikhael Bakhtin, fica explícito que a primeira tendência está na criação do ato de fala, como fundamento da língua, já que o psiquismo individual não constitui a fonte da língua – sendo a língua uma evolução social ininterrupta, uma criação contínua que ao esclarecer o fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato significativo. Compreendendo que o ato de fala é um fundamento importante para inter-relação humana torna-se necessário desmistificar e decoloniar a representação ocidental imposta sobre as serpentes,

assumindo a responsabilidade social planetária, não se tornando maior do que a natureza, mas sim parte dela em toda relação de vida para além de si e para si.

Muitas são as narrativas que permeiam o meio social e ainda mantêm o preconceito vivo entre nós. As serpentes têm servido como signo de ataque na cultura de várias comunidades no Brasil, não sendo difícil de ser observada, a construção dessa linguagem que reforça o preconceito também está normatizada nos meios digitais, onde encontramos o preconceito em forma de memes, músicas, filmes, ditados populares e folder digitais. E o que torna essa situação extremamente triste é o fato do preconceito ser considerado mais “relevante” por não se tratar de uma vida humana.

É dever da sociedade respeitar toda a vida existente no universo. Nota-se contrariedade no discurso cristão que demoniza a serpente, e no mesmo livro a descreve como fruto da criação, em que o Criador da terra considerou a sua criação por igual ao final de todos os dias “E viu Deus que era bom” sendo a frase citada seis vezes no primeiro capítulo do Gênesis.

E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã: o dia sexto. – Gênesis capítulo 1, versículo 31.

E após Deus ter contemplado tudo que fez enfatizou que era tudo muito bom. Demonstrando na carga semântica muito mais intensidade de valor. A junção dos seis dias não era simplesmente “bom” e sim “muito bom”, tudo para o criador era bom, com valor de equidade entre os feitos da sua criação, mas tudo aquilo junto se tornava “muito bom” como um grande sistema. Cabe a todos nós manter este ecossistema, sendo a bíblia sagrada uma grande influenciadora dos costumes sociais estabelecidos.

Os problemas refletidos sobre a criação no livro do Gênesis surge no segundo capítulo, com a criação do ser humano, e o amor genuíno ofertado por Deus transformasse em ódio com o descumprimento das regras impostas pelo criador, ora, a serpente era considerada a mais astuta entre todos os animais, afirmação trazida no primeiro versículo do capítulo três do Gênesis.

Ao decorrer do terceiro capítulo a serpente ganha fala e interfere nas escolhas humanas, induzindo-os a provarem o fruto proibido. A fabula cristã coloca a serpente em valor negativo e rivalidade com a mulher.

“E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3-15, BÍBLIA).

1. Semiótica greimasiana para leitura de imagens

A semiótica discursiva ou semiótica de linha francesa tem como objetivo investigar as formas de linguagem através do “parecer do sentido”. De acordo com Algirdas Julien Greimas (1917-1992), o principal expoente da teoria, todo o processo da construção de sentido está relacionado ao fato da língua como instituição social, para o Linguista Lituano radicado na França, a semiótica discursiva se apropria do texto gerando significação, para a semiótica greimasiana interessam todos os signos, sendo verbais e não verbais, sendo o signo a peça central. Na teoria do percurso gerativo é possível buscar uma significação para além da superficialidade, sendo usados três níveis fundamentais para a significação, são eles: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo (partindo dos elementos mais simples ao mais complexos) no primeiro nível fundamental expressam-se valores positivos ou negativos (Eufórico / Disfórico). No nível narrativo são analisados as transformações dos sujeitos e o objeto de valor (Ov) como descrito por Fiorin (2007, p. 04) como “o objeto desejável que faz o sujeito desejoso”. No terceiro nível, o discursivo, analisamos como o discurso é assumido pelo sujeito em dado espaço e momento. Após a análise, voltamos a especificidade do plano de expressão, analisando as cores (dimensão cromática) a forma (dimensão eidética) a materialidade (dimensão matéria) e a disposição no espaço (dimensão topológica).

2. Das análises imagéticas

Figura 1. Capa de CD/Livro



A primeira imagem a ser analisada pertence à capa do CD e Livro do Padre Márton Múcio Corrêa Silveira, A obra é intitulada de “Maria passa a frente e pisa na cabeça da serpente” publicado pela Editora Missão Sede Santos em 2019. Segundo a descrição feita pelo próprio autor da obra tem como intuito dialogar com o “Povo de Deus”. É interessante também a motivação da obra que nasce após outro padre sofrer um incidente ao ser empurrado do palco.

Na imagem acima no canto esquerdo encontramos uma colagem com a foto do padre Márton vestindo uma batina vermelha, em suas mãos encontramos um livro aberto e o padre a sorrir. No meio da obra está centralizada uma serpente de cor azul, o ofídio apresenta olhos vermelhos e sobre a sua cabeça existe um pé branco sutil a lhe pisar enquanto o outro pé se mantém firme sobre uma rocha.

O cenário assemelha uma mistura entre real e não real, o único elemento da realidade que encontramos é a figura do Padre Marlon, a montagem digital cria uma leitura visual simples, a serpente caracterizada pela cor azul remete à natureza e representa calma, força e serenidade, os olhos vermelhos transmitem agressividade e intensidade, a forma como o animal está enrolado demonstra um possível bote sobre

o padre que está vestido com uma batina vermelha, cor do “sangue derramado de Cristo”.

A estrutura da imagem coloca os três elementos em primeiro plano, sendo eles: O padre, a serpente e o Pé Branco. No nível fundamental as categorias estão em oposição semântica de base /cultura/ VS /natureza/. A cultura é apreendida com valor eufórico. Pois é atribuído um sentido de poder e superioridade em relação à natureza. A Natureza é representada disforicamente, em valor negativo. Uma vez que o conceito expõe uma natureza perene e temporal. Ainda neste plano é possível agregar /Vida/ VS /Morte/ recebendo vida o pé que pisa na cabeça da serpente, sendo que vida se equivale a /cultura/. E /Morte/ está associada a /Natureza/ em negativo.

No nível narrativo percebe-se que a persuasão está no pisar sobre a cabeça da serpente, como tendência de criar um Objeto de Valor (OV) positivo. Com os quais o sujeito-destinatário consegue estabelecer uma relação de superioridade.

Já no nível do discurso encontramos a oposição entre /temporalidade/ VS /atemporalidade/ o primeiro está relacionado a /Cultura/ e a /vida/. E o segundo está relacionado a /Natureza/ e a /Morte/. A temporalidade é percebida no discurso através dos objetos – como a batina vermelha, vestido, o livro e acessórios. Elementos esses que se alinham a semântica da temporalidade e do humano. A Atemporalidade é percebida através da serpente e as rochas, ambas estão figuradas por uma natureza morta, e tende a não se modificar, servindo como elemento a ser pisado.

Na *dimensão cromática*, os elementos figurativos e semânticos presente no plano de expressão, primeiramente observa-se em sua maioria o uso de cores fortes como o azul e vermelho em oposição a cor amarelo pastel criando uma relação entre cores Vibrantes VS. Cores Neutras, relacionando simbolicamente com o nível fundamental /Cultura/ VS. /Natureza/ e /Vida/ VS /Morte/.

Na *dimensão eidética*, em suma, fica nítida a objetividade da forma apresentada dando a impressão visual opositiva, não há elementos que se aproximem criando um elo harmônico na totalidade da obra, predominando em valor negativo, tornando a cultura o nível principal de destaque, em que a forma do plano de expressão interior salienta uma ideologia no vestuário, marcado pela representação da religiosidade.

Na dimensão *matéria*, os modelos vestem peças que se opõem em significação: a batina vermelha com poucos detalhes em dourado, o terço envolto sobre a mão direita que apoia ao livro, o modelo se anuncia como intelectual ao desviar o olhar sobre o livro, demonstrando sorriso e fé. A segunda modelo é marcada apenas por traços raciais, seu vestido e os pés.

O tecido usado na roupa do padre é de aparência fina e pesada em oposição a saia/vestido leve da segunda modelo.

A serpente azul escamada carrega aspecto rústico e agressivo, tornando um cenário opositivo entre o padre e o ofídio, criando dualidade de força entre ambos. O segundo cenário opositivo entre serpente e a segunda modelo (pés), caracteriza uma relação de suavidade sobre a agressividade.

Dessa forma, dispõe-se categórica matéria SOSFISTICADO VS. RÚSTICO associando ao nível fundamental e discursivo.

Já na *dimensão topológica*, os recortes de figuras que compõe a imagem podem ser classificadas em 4 elementos além do plano de expressão interior, classificaremos como A1- imagem do Padre / A2 – Serpente / A3 – Modelo (pés) / A4 – imagem da rocha.

A tipologia encontrada supõe um modelo ideológico que reflete o modo de ser da /Cultura/ que identifica valores eufóricos atemporais.

A importância da linguagem em apoio à ecopedagogia

A linguagem é o elemento que conecta os seres humanos e classifica a vida entre as demais espécies, por meio dela é possível expressar pensamentos, sentimentos e interagir com os outros indivíduos. Reconhecendo a ética e compromisso com a linguagem se evidencia a necessidade da construção de uma nova linguagem que seja decolonial e acolhedora, da qual a natureza se faz parte e não oposição, construção essa que seja em prol da preservação e consciência coletiva, na busca de um esperar a favor das futuras gerações, como um ato de altruísmo e equilíbrio ambiental, Esperançar como verbo, amparando-se em atos de defesa da

vida e da mãe Terra, como elementos complementares utópicos que desejam modificar o olhar sob tal prisma social, a serpente como elemento sagrado.

Possibilidade essa cabível dentro dos conceitos da Ecopedagogia e do ciclo educacional que constitui uma necessidade emergente para preservação do meio ambiente, sendo a escola um dos espaços responsáveis para promover abordagens do tipo; a fim de interdisciplinar e dialogar com todos os temas propostos, trazendo uma nova ideologia de cunho social e didático, sabendo das deficiências que ainda encontramos em panorama global, em que a vida humana é intitulada superior a toda a existência terrestre, torna-se necessário horizontalizar a relação com o ecossistema, promovendo novas narrativas em preservação da vida sob a terra, criando meios de defesa e soluções, apropriando-se dos elementos orgânicos e gerados pela própria comunidade, a fim de diminuir os impactos socioambientais.

[...] a realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação entre saberes e práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias face à reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes (JACOBI, 2004, p.28).

Vivendo debaixo da terra, a serpente não só recebe os espíritos dos mortos, como também possui os segredos da morte e do tempo: senhora do futuro do mesmo modo que detentora do passado, é animal mágico. Quem comer da serpente adquire o poder da clarividência, e para os chineses, hebreus e árabes a serpente está na origem de todo o poder mágico [...]. Assim, o simbolismo ofídico contém o triplo segredo da morte, da fecundidade e do ciclo (DURAND, 2012, p. 320).

Catalão (2011, p.74), ao desenvolver pesquisas na área de Educação Ambiental e Ecologia Humana, coloca que “toda aprendizagem do ser vivo resulta em uma transformação individual, uma co-evolução e uma mudança ambiental”. O entendimento sobre educação ambiental se amplia ao considerarmos que, como observadores, somos parte do sistema que observamos.

Em paralelo com o pensamento Bakhtiniano, a atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente, mas, em compensação, é compreensível, significando que durante o processo de auto-observação, a atividade mental é recolocada no contexto de outros signos compreensíveis, o signo deve ser esclarecido por outros signos.

Compreendendo o caráter vivaz da língua e tendo consciência que é através dela que podemos construir aspectos de vida mais planetária em total harmonia sociocósmico, nós seres humanos somos os que destroem e degradam a vida na terra, colocando em ameaça todas as demais espécies, se somos nós os causadores das violências contra a Terra, precisa ser nossa também a responsabilidade de preservar. Para Catalão e Bakhtin é a observação altruísmo que nos leva a um destino, seja psíquico ou físico, e através do nosso repertório que socializamos com o signo mediante a nós, podendo assim alterar o contexto ao qual está inserido.

“A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: ‘É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?’ (BÍBLIA SAGRADA, Gn 3:1)

A passagem bíblica acima, retirada do primeiro livro da escritura sagrada, chamado Gênesis, é, certamente, uma breve reflexão, considerado o primeiro tanto da Bíblia hebraica como da Bíblia cristã, antecedendo, inclusive, o Livro do Êxodo. Nele, encontram-se as sugestivas descrições sobre a criação do mundo. A narrativa cristã expõe Adão e Eva ao pecado original por cederem ao desejo e provarem do fruto proibido. A serpente é considerada como uma representação de Satã que, de forma maliciosa, incentivou Eva a morder a maçã e, assim, disseminou o pecado pelo mundo. Infelizmente essa narrativa é uma das primeiras a serem nutridas na infância da cultural Ocidental quando as crianças questionam os pais sobre a criação do mundo, caracterizando uma concepção demonizada sobre as serpentes.

A educação contemporânea, apesar de todas as iniciativas para torná-la mais humanizante, acabou por se constituir num conjunto de práticas estranhas às necessidades dos seres humanos e, por esse motivo, causadora de impedimento de acoplamento com a realidade. Essas dificuldades trazem sofrimento aos envolvidos nos processos educativos porque atingem o âmago do processo de construção do conhecimento entendido aqui como inseparável do próprio viver. (PELLANDA; ARAUJO; SCHNEIDER, 2007, p. 54).

Em muitas culturas, a serpente é associada a todos os mitos fundadores e constitui um animal à parte, o pior inimigo do homem, ao qual ele sempre se opõe, e de todos os outros animais, que a temem e a evitam. É bastante ambivalente, pois encarna, de um lado, todos os vícios e forças malignas, sobretudo a artimanha, a

perfídia, a sexualidade e o desejo carnal, e, de outro, a inteligência, a ciência, a prudência. É ao mesmo tempo criadora e destruidora. (PASTOUREAU, 2015, p. 18)

Partindo dessa teoria fica explícito a ambiguidade que envolve o substantivo feminino serpente, sob olhar da cultura ocidental, em que a simbologia desse animal está associada em oposição aos princípios do processo de humanização do homem, em valor disfórico, julgado como traidor, aquele que ameaça a vida e pode te engolir.

Cabe ressaltar a importância desses animais para manter o ecossistema planetário, reafirmando o nosso compromisso com a terra, pois através dela que surge a vida, e a vida no planeta não se finda com o nosso fim, é necessário promover à preservação, pois sabemos que na natureza nada se cria nada se perde, tudo se transforma dentro da sua organicidade, até que haja interferência humana sem ecologia profunda ou mental.

Considerações finais

As demandas do século XXI deixam latente a necessidade da ecopedagogia, a pandemia do COVID-19 nos mostrou mais uma vez que não sabemos nada em relação aos mistérios do planeta, nos chamando para uma tomada de consciência para a nossa própria sobrevivência planetária de forma ética e sustentável, mostrando que os nossos preconceitos de qualquer origem que seja é prejudicial à mãe Natureza e todos que nela habitam. Que ao professar em direção ao outro legitimamos a palavra no rio que não nos permite a encontrar novamente, mas que ao se reeducar perante a vida podemos lutar por uma vida ecológica em diálogo com tudo ao nosso redor.

Fica emergente a necessidade da emancipação social do sujeito colocando em destaque a cidadania planetária possibilitando uma nova condição de vida e ensino horizontal, em que a preservação do planeta e todas as espécies seja a maior preciosidade, pois é criando uma educação de preservação desde os métodos pedagógicos que será possível reverter a distopia do planeta. Fica em alerta que o maior desafio para essa evolução é marcado pela mudança de mentalidade mundial, revertendo o valor tecnicista para um valor complexo em que a natureza se torna complexa e ande de mãos dadas com a /Cultura/.

Referências

BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. Tradução em português de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

IBOIAS BRASIL. Website. Disponível em: <http://www.jiboiasbrasil.com.br/manual.pdf>. acesso em: 04 de janeiro 2023. Manual de Orientações Básicas para Criação de Jiboia (Boa constrictor) e Jiboia Arco-íris (Epicrates spp.). 2023.

CATALÃO, V. M. L. A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade. *Revista Terceiro Incluído*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 74-81, 2011.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

JACOBI, P. Educação e Meio Ambiente - transformando as práticas. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. Brasília, v. II N. 0, p. 28-35, 2004.

POUGH, H.F.; JANIS, C.M.; HEISER, J.B. *A vida dos vertebrados*. 3ªed. São Paulo, Atheneu, 2003.

PELLANDA, N. M. C.; ARAÚJO, B. R.; SCHNEIDER P. Educação e sofrimento: marcas de um paradigma. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 15, p. 54-67, 2007.

PASTOUREAU, Michel. *Os animais célebres*. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2015.